

A CONQUISTA PROFISSIONAL DA MULHER: O MAGISTÉRIO¹

Elane Cristina do Amaral²

Erica da Silva Lins³

Janielly Souza dos Santos⁴

Rômulo Leite Amorim⁵

José Flôr de Medeiros Júnior (orientador)⁶

No Brasil, desde os tempos coloniais homens e mulheres desempenharam papéis sociais bastante distintos e principalmente rígidos. Para o homem estava reservado o espaço público, onde o mesmo trabalhava no intuito de suprir as necessidades financeiras do lar, já à mulher era designada à condição de esposa submissa e de mãe, cabendo a ela, sobretudo a responsabilidade da criação e educação dos filhos, este panorama ainda persiste com muita força no século XIX.

De acordo com esta realidade, cabem-nos aqui enfatizar a questão do casamento para as mulheres, pois desde a infância os argumentos familiares embasados no discurso religioso e do Estado viam no matrimônio e na maternidade a constituição do verdadeiro papel feminino. Sendo assim, qualquer atividade que tendesse a desviar a atenção da mulher da condição de rainha do lar, era percebida pela sociedade como uma forma de desecaminha - lá de suas obrigações.

Neste contexto, valorizava-se alguns ensinamentos como fundamentais para educação ou formação da futura mulher casada, como as habilidades com a agulha, no bordar, costurar, na culinária, também como guardiã da religiosidade, símbolo afetividade e pureza. De um modo geral todas estas prendas faziam, e em muitos recantos sociais ainda fazem parte do cotidiano do mundo feminino, porém, instrução formal ou mais intelectual ficava reservada as meninas da elite, como ensino da leitura, do piano ou da língua estrangeira. No entanto esta situação tinha o objetivo de tornar a esposa uma companhia mais agradável para seu esposo e para podê-lo representar bem nos ambientes públicos e “sob diferentes concepções, um discurso ganhava a hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres” deveriam ser mais educadas do que instruídas”⁷.

Esta visão de que a mulher devia ser mais educada do que instruída vai passar por uma incipiente mudança na virada do século XIX, a partir do momento em que depois da

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História da Educação no Contexto da Cultura Histórica”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. enale13@yahoo.com.br

³ Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. ericallins@hotmail.com

⁴ Graduanda em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. janiellysouza@yahoo.com.br

⁵ Graduando em História pela UEPB - Universidade Estadual da Paraíba. amorimromulo@hotmail.com

⁶ Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. juniorf@terra.com.br

⁷ LOURO:2004, 446.

independência do Brasil, se divulga um discurso voltado para a importância da educação formal no intuito de modernizar o país.

É dentro desta perspectiva que a educação formal vai se abranger até a condição de inserir a mulher neste novo panorama do país dando mais oportunidade de receber, em escolas especificamente de meninas, a instrução formal. Mas para que isso ocorresse foi fundamental o incentivo dado por grupos de trabalhadores que tinham ideais políticos baseados no socialismo ou no anarquismo, que, portanto tinham a visão de uma igualdade em termos educacionais para homens e mulheres, as propostas e pensamentos desses segmentos foram pouco a pouco deixando o discurso apenas no plano das idéias e os colocando em prática incentivando a construção de escolas em todo país como também à educação feminina.

Neste sentido, percebe-se que a partir daí a mulher começa subir seus primeiros degraus em relação a uma instrução mais intelectual e avançada. “As últimas décadas do século XIX apontam, pois, para a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a a modernização da sociedade, a higienização da família, à construção da cidadania dos jovens”⁸.

Deste modo verifica-se que os números de seminários e escolas destinados ao grupo feminino foram crescendo acentuadamente no século XX, principalmente os destinados à questão do magistério. Entretanto, percebe-se que a mulher teve que enfrentar muitas dificuldades em seu trajeto rumo a uma profissionalização remunerada. A atitude masculina onde a educação da mulher foi por muito tempo de subestimar sua inteligência e capacidade, a sociedade em si trazia várias restrições ao desenvolvimento da mulher nesta área, delimitando sua autonomia quanto profissional, a própria religião tomava conotações moralistas impondo normas de conduta no cotidiano feminino, assim:

“Todos esses entraves não obstaram, entretanto, que se encaminhassem para a profissionalização as educandas, semiquando – as, ou mesmo qualificando-as para o magistério, substituto precípua do casamento, objetivo nem sempre possível de ser atingido”⁹.

Uma vez com a conquista da instrução formal, a mulher nem sempre pode fazer bom uso do que aprendera neste espaço novo para a mesma, pois os órgãos do Estado continuavam a ver nela a figura de uma educadora no sentido de formar os futuros cidadãos do país. Era exatamente isto que deveria estar em primeiro plano, a condição de mãe e depois a de esposa, sabendo-se que não era possível fazer uma distinção entre estes dois papéis.

Neste contexto prevalece também a orientação da Igreja Católica¹⁰ na formação da educação feminina, pois, as meninas passavam por uma formação cristã, deste modo

⁸ LOURO:2004,447.

⁹ BORGES:1980,121.

¹⁰ Com a República e conseqüente laicização do Estado, permaneceu paradoxalmente, como dominante a moral religiosa colonial, que apontava para as mulheres um papel submisso em relação ao homem no meio social.

depois dessa educação adquirida exigia-se uma postura pré-determinada da mulher como o recato, o pudor, a busca de uma moral perfeita, a aceitação de sacrifícios e a ação educadora dos filhos. Assim a educação formal adquirida pela mulher era comum ser utilizada pós - casamento como uma forma de facilitar seu cotidiano doméstico e auxiliar na alfabetização dos filhos quando crianças, permanecendo esta educação ligada aos preceitos religiosos. O que nos leva a refletir de que “a própria religião tomara conotações moralistas e tornava-se fator importante na consecução do auxílio divino para isenção ou bom êxito dos problemas domésticos”¹¹.

Percebe-se que numa sociedade católica/patriarcalista onde os homens detêm o poder na maioria dos setores da localidade, em seu princípio também não foi diferente com o magistério, pois “vale lembrar que a atividade docente, no Brasil, como em muitas outras sociedades, havia sido iniciada por homens...”¹².

Deste modo, para conseguir conquistar um espaço no mercado de trabalho, no tocante do magistério, a mulher teve que lutar contra o que era rotulado como sendo do mundo masculino, pois para ela estava reservado o espaço privado do lar, a mesma percebeu no “ser professora”, uma nova forma de ver a vida com a perspectiva de atuar como ser ativo no meio social capaz de ser reconhecida por tais empreendimentos.

O ingresso mais acentuado da mulher no magistério deu-se no final do século XIX para início do século XX, onde também nesse período aumentam no Brasil as escolas normais destinadas a homens e mulheres...”pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens...”¹³. Esta ausência do homem no magistério provavelmente estava vinculada ao processo de modernização que se encontrava o país, vislumbrado na urbanização e industrialização que atraía para si a mão-de-obra masculina. É através deste panorama que se tem a origem de uma “feminização do magistério”.

Vale ressaltar, devido a sua cabível importância, que embora a mulher tenha sido aceita no magistério de modo a consagrar seu espaço, este processo não ocorreu de modo fácil sem resistências ou críticas. Alguns discursos realmente polemizaram ao ver às mulheres como “portadoras de cérebros pouco desenvolvidos”¹⁴, e portanto incapazes de desempenhar tal função educacional.

Entretanto outros discursos surgiram de modo a comprovar a capacidade e vocação da mulher para o magistério, na medida em que se enfatizava que a função primordial feminina era a maternidade, ampliou-se essa visão colocando o magistério como uma extensão da maternidade. Este é um discurso que vai chegar pra ficar, já que o homem não detém

¹¹ BORGES:1980,118.

¹² LOURO:2004,449.

¹³ LOURO:2004,449

¹⁴ LOURO:2004.450.

igualdades típicas do instinto maternal como doação, paciência, minuciosidade, tudo isto vai servir para justificar as aptidões femininas como predestinadas ao magistério.

A partir daí intensifica-se a feminização do magistério a qual também foi incentivada pelo Estado na medida em que o mesmo passa a intervir e controlar a docência, onde as novas determinações adotadas por ele vão bater de frente com os ideais masculinos, já que irão se estender também ao âmbito feminino.

Devemos observar que muito embora o feminismo em si, enquanto movimento, tenha surgido na segunda metade da década de 60 nos EUA, seus princípios de libertação, há muito tempo fazia parte do universo de desejos da alma feminina, principalmente para aquelas que já tinham adquirido certo nível de instrução e intelectualidade. Ao vislumbrar no magistério um caminho de libertação da opressão em que viviam a mulher vai buscar seus horizontes em detrimento da vida doméstica em que se encontrava restrita.

É importante perceber que a feminização do magistério deu-se dentro de um processo histórico, de extrema importância para sociedade, o qual foi à modernização e urbanização do país que trouxe mudanças significativas na esfera política, econômica e social. Com referência a esta fase de transição, tem-se uma maior ênfase os princípios de igualdade, de industrialização e alfabetização percebida aqui como elementos transformadores de um país.

Diante do exposto, as mulheres vão ser beneficiadas com este período de transformação da sociedade rumo à modernização, já que a mesma vai ocupar e ter direitos que antes eram exclusivos dos homens. Ocorre também concomitante a estes fatos o processo de urbanização, onde os homens vão procurar novos espaços na cidade deixando um pouco de lado as salas de aula.

Assim, a mulher vai se colocar em sala de aula não como substituta de um espaço pertencente ao homem, mas vai procurar demonstrar sua capacidade enquanto cidadã ativa da sociedade. Deste modo é

“... a feminização do magistério, entendida” não apenas como uma expressão que permite falar da invasão de uma certa profissão – o magistério – por um certo sexo – o feminino –, mas também de uma maneira – feminina – de encarar e de exercer o magistério”¹⁵.

Com a feminização do magistério passa a existir toda uma preocupação para que a profissionalização da mulher não se choque com sua feminilidade, principalmente quando professoras passam também a lecionar para os meninos, a partir daí vão surgir regras de condutas bastante específicas e rígidas para as mestras e seus alunos com o objetivo de preservar a sexualidade de ambos. Deste modo, percebemos que a mulher foi aos poucos se adaptando no espaço que começava a adentrar, tendo que manter uma postura severa sem, no entanto perder sua afetividade.

¹⁵ FONTANA:2003,28-29.

Por outro lado, nota-se que para o magistério se feminizar, ele sofreu também algumas alterações e até transformações no intuito de conseguir – se adequar à realidade da mulher tornando-se mais flexível e mais afetuoso, sendo esses ingredientes considerados como facilitadores da aprendizagem. Dessa forma ao chegar num espaço que antes era da hegemonia masculina a mulher se transforma e ao mesmo tempo também é transformadora desse espaço.

Sendo assim, a instituição do Estado, a sociedade e a igreja vão lançar mão de múltiplos dispositivos entre símbolos, normas, doutrinas e formas de agir, com o objetivo de controlar essa inicial função profissional da mulher dentro da sociedade. Embora alguns desses dispositivos sejam utilizados para vigiar e formar a mulher quanto profissional, sem que a mesma se desligue da sua função maternal e doméstica, outros são usados para justificar a mulher nesse meio com uma condição muito visível de submissão ao homem. Alguns discursos da época vislumbram bem esse contexto, como o fato de que o magistério era próprio para as mulheres já que exigia dela apenas um expediente e a questão do seu salário ser inferior ao homem era tida como uma coisa natural pois sua remuneração era vista como um salário complementar. De forma ser

“essa categoria, que se erege em corpo profissional sob o aval e controle do Estado a partir do século XIX, heterogênea do ponto de vista de suas origens e composição social, marcada por um processo de feminização e de proletarização acentuado ao longo do século XX...se tornar uma ocupação de massa alcançando uma legitimidade que talvez nenhuma outra instituição tenha alcançado na sociedade moderna”¹⁶.

Com o enquadramento da mulher dentro do magistério através dos moldes estabelecidos pelos órgãos de poder o magistério se feminiza. A partir daí para muitas meninas, a escolha do magistério vai ser influenciado pela mãe, e a profissão vai estar sempre associada à características tidas como femininas.

Deste modo, verifica-se que no início do século XX o magistério feminino ganha espaço e valorização na sociedade brasileira, neste contexto o preconceito maior sobre as mulheres se dará quando a mesma busca se inserir em outras profissões, ou tenta ascender dentro do magistério buscando conquistar cargos elevados que são em sua maioria postos dos homens, assim, a mulher no magistério vai ser aceita desde que a mesma permaneça em sala de aula como professora ou em cargos menores como no corpo docente sem todavia atravessar no caminho do mundo masculino.

Mas o que se percebe, apesar de todas as barreiras que se impõem no procedimento do trabalho feminino no magistério, é que a postura de total submissão da mulher em relação aos condicionamentos masculinos não vai ser aceitos pacificamente. Mesmo os cargos mais

¹⁶ FONTANA:2003,20.

altos sendo exercidos pelos homens, elas também embora lentamente, vão conquistando esse espaço com forte resistência e empenho. E neste sentido o raciocínio é válido,

“com exceção das escolas mantidas por religiosas onde as mães ocupavam posição superior, nas escolas públicas, foram os homens que detiveram por longo tempo as funções de diretores e inspetores. Reproduzia-se e reforçava-se, então, a hierarquia doméstica: as mulheres ficavam nas salas de aula, executando as funções mais imediatas do ensino, enquanto os homens dirigiam e controlavam todo o sistema”¹⁷.

Existia por parte das mulheres, pelo menos da maioria um forte desejo de crescer dentro da profissão. Acostumadas a ter que enfrentar grandes barreiras para conseguir ser reconhecidas profissionalmente, elas tiveram que comprar essa briga lutando pela igualdade no trabalho e em outros setores, um caminho difícil a ser percorrido o qual acabou fazendo do sexo frágil – o sexo também forte.

Mas a dificuldade da mulher em chegar a desempenhar as mesmas funções que os homens, tentando romper a distância hierárquica masculina que os separava, eram verificados no cotidiano escolar, quando algum problema ocorria dentro da sala de aula, principalmente com os conhecidos alunos-problema rapidamente era chamado o diretor, ou o coordenador ou inspetor para resolver a situação-problema, a mulher não era vista como capaz de tomar grandes decisões e de ter firmeza com as mesmas.

Entretanto essa imagem da mulher sentimental e tolerante vai ser desconstruída também no cotidiano da prática escolar, que é quando ela começa a resolver esses problemas por iniciativa própria “quebrando” a ordem de chamar a voz masculina para resolver a causa. Percebe-se que ao quebrar com certos tipos de normas, regras que são impostas no seu dia-a-dia ela vai construindo resistências contra a submissão que a oprime.

Nas primeiras décadas do século XX a mulher foi soltando as amarras que a sociedade por séculos lhe acorrentou, mas é de fundamental importância salientar que este não foi um processo que podemos delimitar seu fim, pois até hoje ele ainda se encontra em andamento, pois talvez não como algumas décadas atrás, mas ainda hoje, a sociedade, as leis, a religião e até a cultura em que esta inserida lança recursos de dominação e submissão para mulher, seu processo de “libertação” tem sido lento, difícil e contínuo.

Ao verificamos a mulher no contexto da década de 50, podemos ter uma idéia dos novos caminhos que mulher se propôs alcançar, entre avanços e recuos à mulher que no século XIX quis uma educação formal almejando um campo profissional também chega no século XX desejosa em conquistar novas áreas que não seja apenas a do casamento.

Os anos da década de 50 foram cheios de ocorrências com conseqüências que chocaram o país como o suicídio de Getúlio Vargas em agosto de 1954, também por outro lado fatos

¹⁷ LOURO:2004,460.

que tendiam a mudar a história do Brasil como os anos do governo JK com a política desenvolvimentista apregoada no slogan 50 anos em 5.

Os tempos eram outros, culturalmente o povo esperava as novas sensações de entretenimento e diversão como o cinema, a televisão, as peças teatrais e principalmente com o rádio, nesse ponto merece maior destaque realmente o papel das novelas, que faziam as mocinhas se desmancharem em lágrimas de comoção ou em sonhar com um príncipe encantado como o ator principal, isso tanto em nível de novelas televisivas como radiofônicas.

Mas esses veículos de comunicação a partir do momento em que começaram a crescer no país e cada vez mais os indivíduos passam a ter acesso a eles, cresce também o número de informações ao público, o que não necessita dizer que este público esteja mais bem informado sobre o ocorrido a sua volta e também no mundo. Afirmamos isto diante de todo conhecimento ser seletivo, e enquanto historiadores a isto não poderíamos negar. O noticiário à época era tão seletivo quanto hoje. Novas aptidões e gostos começam a ser instigados, nessa fase inicial da década de 50, a música vai conquistar corações e a moda é acompanhada mais de perto pelas pessoas, principalmente pelos jovens que vão passar a seguir os modismos.

Havia um clima de euforia vivenciado pela maioria da população trazido pelos novos costumes e pelo incentivado desenvolvimento econômico pelo qual passava o país, procurando estender esse desenvolvimento em amplos setores da sociedade, era como se as pessoas estivessem vivendo uma nova fase e novos horizontes no Brasil. Acrescente a esta situação a Era do Rádio, a chegada da TV Tupi, a conquista da Copa do Mundo em 1958. O Brasil era o país que cantava pela Bossa Nova, da imagem do Cinema Novo e que parecia construir uma nova imagem de si para seu povo.

Mas nem tudo era novo, algumas normas de conduta permaneciam regidas principalmente aquela referente ao comportamento feminino. A mulher em busca de ascensão profissional, de inserção no mercado de trabalho se fazia, como se fez necessário ir de encontro aos padrões sociais estabelecidos.

Embora os tempos fossem outros, e se falasse em modernização, desenvolvimento, liberdade, no campo reservado ao papel da mulher na sociedade muita coisa permanecia igual às regras do século XIX do que se pode ou não fazer, do que é certo ou errado, ainda chegava de modo bastante vivo a mulher da década de 50.

Segundo Carmo “o país respirava cultura e era mais democrático”¹⁸. Percebe-se realmente que vários setores da cultura estavam florescendo na época, mas enquanto a democracia, na prática a realidade das mulheres era de acentuada desvantagem em relação ao homem,

¹⁸ CARMO:2000,19.

mesmo no magistério já feminizado a mulher só era aceita como professora, as conhecidas “tias”.

Carmo ainda afirma que “havia uma nítida distinção de papéis entre homens e mulheres. O lar era considerado o “destino natural” da mulher e o homem exercia o papel de “chefe da casa”. Para as meninas recomendava-se a boneca como o brinquedo que melhor se adequava ao perfil de uma futura mãe¹⁹”.

Deste modo, nota-se que desde cedo existiam códigos e regras de como as meninas deveriam agir e qual o papel que ela deveria e poderia desempenhar na sociedade, fugir do modelo aceito era romper com quase toda sociedade, onde os vistos como “desviantes” eram punidos pela discriminação do cotidiano que barrava em primeiro lugar qualquer avanço no campo profissional.

Apesar de que todos os olhares excludentes residissem sobre o comportamento da mulher, podemos constatar que com o crescimento urbano e a industrialização que se planejou e se esperou nos anos 50, aumentou as oportunidades e possibilidades educacionais e profissionais para homens e mulheres, mas mesmo assim conforme Bassanezi “... a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário ao trabalho do homem...”²⁰.

O papel que a mulher assumiu durante a Segunda Guerra foi de fundamental importância para o desenvolvimento das fabricas, já que os homens estavam na frente de combate, esse ingresso da mulher no trabalho influenciou outros países, mesmo os que não participaram ativamente da guerra. De certa forma, a guerra foi uma janela pequena que se abriu para entrada da mulher no campo do trabalho. Mesmo que com o fim do conflito mundial as mulheres tenham sido convocadas para a volta ao lar, o que aconteceu em sua maioria. Mas também ficou uma semente plantada e um desejo e certeza que elas poderiam conseguir conquistar e ir além das fronteiras que lhes impuseram.

Percebe-se que essa visão vinda de fora (a mulher no trabalho) vai instigar o desejo da brasileira em querer ocupar um espaço no campo profissional. Daí a importância que as mesmas davam ao magistério. Inicialmente este era um campo em que ela podia atuar e crescer sem que a sociedade percebesse seu avanço rumo ao campo profissional mais amplo, já que esse processo de avanço foi percebido por muitos recuos tendo em vista o controle e o olhar masculino sempre atento a cada passo dado pela mulher, deste modo sua conquista profissional foi sobre tudo lenta.

É interessante salientar que embora na década de 50 tenha crescido a participação da mulher no campo profissional como em escritórios, comércio e serviço públicos, o preconceito com o trabalho feminino era bastante nítido porque se via no trabalho fora,

¹⁹ CARMO:2000,21.

²⁰ BASSANEZI:2004,608.

exercido pela mulher, um ato incompatível com sua vida social, entenda-se, vida de casada e doméstica, por isso era bastante comum que ao casar, ou ao engravidar a mulher fosse obrigada a deixar o emprego, deste modo verifica-se que seu ingresso no mercado de trabalho era caracterizado por um processo profundamente descontinuo, por esses e outros fatores peculiares a sua condição de mulher na época vigente.

Neste ponto Bassanezi afirma que “Considerado o mais próximo da função de mãe, o magistério era o curso mais procurado pelas moças...²¹”.

Assim, percebemos que a mulher chega aos anos 60, talvez mais segura de sua capacidade, as delimitações dos espaços entre homens e mulheres vão se diluindo, o maior acesso a educação formal faz com que a população feminina tenha mais subsídios para lutar por condições de vida melhor e de igualdade com os homens, no mercado profissional, de certa forma o magistério foi o primeiro degrau que ela subiu com o objetivo de ser reconhecida profissionalmente.

Os anos 60 foram marcados principalmente pela ebulição política, que fez dele uma das décadas mais *sui generis* do Brasil. Os militares ao chegar no poder fazem uma “limpeza” com aqueles que não se enquadravam com seus ideais. Na cultura surge a bossa nova, o cinema novo, a UNE, os grupos musicais como a jovem guarda, davam um ar de novas sensações que seriam vivenciadas pelos jovens.

Embora nesta época casamento, maternidade e vida doméstica continuassem a ser a trilogia esperada como comportamento adequado para as mulheres, essa foi uma década em que a mulher começou realmente a colocar suas opiniões e ideais em prática, no momento em que muitas passam a ser transgressoras dessa ordem social que como sempre a impunham modos de ser, viver e agir. No que podemos afirmar, modos de pensar.

Alguns fatores podem nos explicar de modo mais claro o porquê do ingresso ou da aceitação da entrada da mulher no campo de trabalho o qual não ficou restrito apenas ao magistério. Em 60, ocorre uma queda na renda da população, as famílias se vêem com a necessidade de deixar suas mulheres ingressar no trabalho remunerado, sendo que inicialmente elas vão ficar longe do lar apenas um expediente. Deste modo, o trabalho feminino passa a ser indispensável para ajuda da sobrevivência familiar.

Mesmo a mulher indo para os guetos no concernente ao mercado de trabalho, ocupando fortemente o setor terciário onde se encontravam os empregos de baixo prestígio e remuneração, nota-se também aí que o plano doméstico vai ficando de lado em detrimento a uma melhor condição de vida.

Entretanto percebe-se que as mulheres que conseguiam um emprego melhor, ou uma colocação mais elevada, deveu-se sobre tudo a seu nível de escolaridade, quanto mais

²¹ BASSANEZI:2004,625.

elevado fosse a formação escolar das mulheres maiores chances elas tinham de competir no mercado de trabalho.

Mas o que chama nossa atenção é que mesmo estando diplomadas e preparadas para exercer as mesmas funções dos homens, o que se via na prática é que independente do aumento do nível educacional da mulher, elas continuaram a ganhar menos que os homens. Esta realidade vai ser bem nítida no magistério, pois o que se vê, é que na medida em que o prestígio social e o salário aumenta decresce a participação da mulher no setor, deste modo podemos perceber que a presença feminina no magistério declina nos graus mais elevados de ensino, a hierarquia masculina continua a prevalecer. Podemos também notar que mesmo com algumas profissões se feminilizando o prestígio e remuneração da mulher continuou sendo baixo, e foi exatamente o que aconteceu com o intenso ingresso da população feminina no magistério.

Verifica-se que alguns discursos foram muito bem planejados pelos órgãos empregadores para justificar a inferior remuneração recebida pelas mulheres em relação a dos homens, mesmo a mulher trabalhado a mesma carga horária dos homens e desempenhando iguais funções, o normal era que ela ganhasse menos.

Esta discriminação salarial tinha um discurso antigo, mas que ainda funcionava tendo em vista a sociedade patriarcal e conservadora da época, pois para ela o lugar da mulher devia ser em casa cuidando da casa e dos filhos, o homem sim, como “chefe da família” devia arcar com as despesas financeiras, deste modo o salário da mulher tinha um caráter complementar no orçamento do lar, subentendia-se que ao dar um salário de igual valor entre homens e mulheres é como se os estivessem os colocado em igualdade e isso não era plausível para a sociedade machista que via a mulher como um ser inferior.

O lado profissional da mulher só era aceito mediante as regras de interesse da sociedade, onde segundo elas, a mulher deveria trabalhar apenas um expediente para não prejudicar seus afazeres domésticos, e escolher as profissões já feminizadas como o magistério e como regra deveria ganhar menos que os homens. E apesar de tudo isso, só podiam trabalhar enquanto solteiras ou por exceção as casadas sem ter filhos, pois o trabalho remunerado não podia atrapalhar a “verdadeira vocação” da mulher que era ser mãe e esposa.

Todavia, é importante salientar que todas essas dificuldades e os obstáculos fizeram com que a mulher lutasse por direitos de igualdade perante os homens para que pudessem conquistar um espaço no mercado de trabalho. O magistério foi, portanto um desses espaços onde essa luta foi travada, vindo as vitórias de forma lenta, porém progressivas. A mulher que antes estava ligada apenas ao ensino fundamental chega com grande esforço no ensino médio e finalmente no ensino superior. Segundo. Bruschini “..o ingresso da

mulher no corpo docente das universidades também espelha e reforça a feminização das profissões de nível superior²².

Vislumbra-se que a mulher chega nos anos 70 e 80 mais capacitada para o trabalho, ela consegue subir profissionalmente dentro do magistério. Paradoxalmente este crescimento no mercado de trabalho dar-se em um espaço delimitado socialmente. Aos poucos ela foi desterritorializando o delimitado, e avança em direção a outros territórios, conquistando também outros campos profissionais.

Devemos perceber que esse espaço se dá pelo desenvolvimento da questão da educação no país, deste modo seu nível de instrução melhora, facilitando sua atuação no mercado de trabalho. Lembremos também que os anos 70 vão ser de extrema importância para a mulher, pois a sua primeira metade é marcado por um período de grande expansão econômica com o chamado “milagre econômico” da era militar, assim aparecem mais oportunidades de trabalho para as mulheres.

Neste período em que cresce o interesse da mulher para entrar no campo profissional, nota-se que a mesma além de investir na própria educação formal vai se empenhar realmente na profissão que escolheu, uma das conseqüências mais marcantes desse processo é que pela primeira vez a mulher vai questionar a prioridade que suas avós, mães e que ela própria colocava em relação a questão do casamento e da maternidade.

O que se observa é que mesmo de forma lenta, nas décadas que se seguem a mulher passa a casar mais tarde, e com o uso da pílula anticoncepcional, retarda o projeto de ter filhos e diminui também na quantidade desses filhos. Os números sobre crescimento demográfico deste período estão diretamente relacionados a mudanças de postura dentro da sociedade, mas, principalmente, de mudanças no âmbito da mulher enquanto ser.

Deste modo, observamos que com a ampliação da presença feminina no mercado de trabalho, ocorre no país, uma acentuada diminuição de filhos por parte da mulher brasileira. Assim, percebe-se que a mulher que antes via o casamento como uma realização pessoal, neste ponto ela passa a colocá-lo em segundo plano.

De certa forma também, podemos visualizar o contexto em que essa mulher vivia, já que as idéias feministas cresciam em todo país, a liberdade, tinha um caráter subjetivo, pois cada uma almejava um tipo de liberdade de acordo com a opressão que viviam, seja elas em casa, na escola, no trabalho, na religião ou no casamento.

Tudo isso vai influenciar e até determinar a “corrida” da mulher por um espaço no mercado de trabalho. Entretanto, é de suma importância enfatizarmos que este avanço e esse olhar rumo a um, melhor nível de escolaridade e a perspectiva de uma futura profissão não era desejo geral de todas as mulheres.

²² BUSCHINI:1985,50.

Existiam aquelas que realmente permitiu que fosse introjectado nelas o papel de mãe e esposa que a sociedade, o Estado, e a religião tanto prezavam, e por isso também incentivavam esse comportamento.

Assim, era fato bastante comum, as moças terminarem um curso de magistério apenas para terem um diploma e receberem o adjetivo de intelectuais, o diploma passa a ser visto como mais um dos ofícios que as moças bem prendadas deveriam ter, entretanto este diploma se restringia ao caso das professoras ou no máximo das enfermeiras.

Vale ressaltar que o aumento da atividade feminina no campo profissional na década de 70 e 80 se dá por alguns fatores já citados aqui, como a intensa queda de fecundidade que reduz a quantidade dando mais liberdade para a mulher se inserir no trabalho remunerado.

Entretanto o que é bastante interessante esclarecermos é que o ingresso da mulher no trabalho não significou em si, sua verdadeira libertação, já que suas condições de trabalho eram de subalterna em relação ao homem, foi preciso que ela tivesse consciência de sua situação para que a partir desse momento começasse a transformar sua realidade.

Podemos afirmar que a conquista da mulher no trabalho se dá não com sua entrada no setor produtivo, mas a partir do momento em que ela conquista direitos de melhores condições de trabalho, como o direito da licença a maternidade ou o de poder sair em determinado horário de trabalho para amamentar seus filhos. Os órgãos estatais ou mesmo as empresas também vão investir em creches o que vai facilitar o papel de mãe e trabalhadora que essas mulheres tentam desempenhar no âmbito familiar.

No entanto, constata-se que essas conquistas são mais uma realidade atual da mulher, que mesmo assim ainda padece muito com a questão trabalhista. Mesmo atualmente, o que mais interfere no desenvolvimento do trabalho feminino é a questão da maternidade, principalmente quando os filhos são pequenos e precisam de toda atenção da mãe. E em segundo lugar continua sendo ainda em muitas profissões, os privilégios dados aos homens. O que se percebe em relação à mulher casada e/ou mãe é que a mesma vai ter que fazer a utilização de uma dupla jornada, para dar conta de tamanhas responsabilidades que lhes são impostas, pois mesmo participando diretamente ou ativamente da questão produtiva, a mulher continuou sendo responsável pela execução dos afazeres domésticos. Deste modo, diferentemente da grande maioria dos homens ela passa a desempenhar uma dupla jornada de trabalho, se revezando entre o trabalho profissional fora de casa e o trabalho doméstico que busca a organização do lar.

Talvez tenha sido por conta de todas essas dificuldades que a mulher busca mais a educação formal deixando de lado as antigas prioridades de casamento e filhos. Além do mais existia uma forte tendência dos empregadores em terem preferência em contratar mulheres solteiras e de nível escolar mais elevado. Esta realidade só sofrerá algumas

alterações nas décadas pós anos 80, onde a escolaridade da mulher vai ser mais valorizada do que sua condição social. Conforme Bruschini:

"A expansão da escolaridade e o acesso a universidade viabilizaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho. Por fim, transformação nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher...alternaram a constituição da identidade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho produtivo".²³

É importante ressaltarmos que no âmbito do trabalho as mulheres foram construindo instrumentos de resistência no desenvolver de suas profissões, pois no momento em que a mulher escolhe se entregar ao estudo e a profissão ao invés do casamento e a maternidade, ocorre uma brusca mudança de comportamento por parte das mesmas.

Neste contexto, ocorre que muitas mulheres vão escolher como seu verdadeiro e eterno companheiro seu estudo, seu emprego, sua profissão. No magistério, por exemplo as que já tinham uma certa idade e nunca tinham se casado eram vistas através de expressões populares como as "solteironas", ou "ficou pra titia" as quais eram criticadas por algumas meninas, mas admiradas por outras pela questão dessas ditas "titias" terem conseguido sua independência profissional e financeira.

Assim, Bruschini afirma que "se a mulher for solteira, poderá mais facilmente ser acionada...para o desempenho de atividades produtivas de mercado, o que propiciará a ampliação da renda familiar"²⁴.

Com isto verificamos a mudança no âmbito social do país, a mulher cada vez mais deixando de lado tudo aquilo que lhe foi incubido quanto ser feminino e passando a ficar lado a lado com os homens no cotidiano do trabalho.

É importante observamos como a mulher foi capaz de transformar ou adequar os ambientes que antes eram dos homens colocando-os a favor delas, neste contexto podemos enfatizar as profissões feminilizadas como no caso específico que nos propomos aprofundar que é o magistério, tendo sido ponto de partida para a mulher conquistar um espaço no mercado de trabalho.

Podemos também verificar que a mulher que viu no magistério um caminho de encontrar um lugar no campo do trabalho, vem abrindo novos espaços nas últimas décadas, como na área financeira e bancária, em postos de comando em empresas estatais e em algumas profissões de prestígio, como no caso da magistratura e na medicina.

Ao tomar posto realmente na profissão do magistério a mulher vai demonstrar que a imagem que fizeram a seu respeito de incapaz e puramente dócil não condiz com a realidade, pois ela foi capaz muitas vezes de subverter as programações administrativas e educacionais que lhes eram impostas, introduziu características próprias do que ela achava ser mais

²³ BRUSCHINI:1998,22.

²⁴ BRUSCHINI:1998,17.

eficaz e adequado no processo da aprendizagem, e investiu na participação como militante ao se sindicalizar buscando melhores condições de trabalho.

Ao percorrermos todo o trajeto da mulher começando pelo magistério, concluímos que ela foi capaz de ascender dentro dessa profissão e conquistar também outras, rompemos com a visão histórica que muitos fazem da mulher subjugada ao homem, vivendo à sombra do mesmo. Muito pelo contrário, ela conseguiu construir resistências, destruir com discursos pejorativos e mudou comportamentos tidos como imutáveis.

É interessante pararmos para refletir que esta mulher lutadora que muitas vezes perdeu e teve que recuar, outras venceram e conseguiram avançar, depois de ter rompido com normas de comportamentos sociais e ter conseguido conquistar seu espaço profissional chega aos dias atuais uma nova mulher, um pouco diferente, mas com novas expectativas no seu papel de ser mulher.

A partir da segunda metade do século XX, a mulher procurou sair dos papéis que a ela eram determinados, a filha obediente, a esposa exemplar e a mãe dedicada sede lugar a mulher trabalhadora que sai do espaço privado e entra no universo do trabalho remunerado, de forma a se rebelar com o contexto social, o qual estava inserida. No finalzinho do século XX, a situação se mostra um pouco às avessas. A mulher que conseguiu conquistar seu trabalho profissional através do magistério e ampliou seu campo operacional para outras profissões se vê agora tentando conciliar sua vida profissional com a familiar.

Neste contexto, um dos maiores impecílios que ela vai encontrar será um tempo disponível para se dedicar à família, contudo ela baixa cabeça, e desdobra-se segundo o roteiro de vida entre o espaço público e privado. Assim, a mulher quer construir uma família, mas sem deixar sua conquista profissional renegada. Sem dúvida este será mais um conflito que com certeza ela conseguirá transpor em meio às metamorfoses sociais do mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA

DEL PRIORE, Mary.(org). **História das mulheres no Brasil. 7ª.ed. São Paulo:** Contexto, 2004.

BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização Feminina.** São Paulo: Edições Loyola, 1980.

FONTANA, Rosel A. Canção. **Como nos tornamos Professoras?** 2 ed. Belo Horizonte: Autentica, 2003.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia: A juventude em Questão.** São Paulo: editora SENAC São Paulo, 2001.

BRUSCHINI, Cristina A. **Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher.** São Paulo: Nobel: conselho estadual da condição Feminina, 1985.

_____. **Trabalhos das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1985.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

BRUSCHINI, Maria Cristina A; ROSEMBERG, Fúbia(orgs). **Trabalhadoras do Brasil.** São Paulo: editora brasiliense, 1982.